

REVISTA ENTRERIOS

Revista do Programa de
Pós-Graduação em Antropologia da
Universidade Federal do Piauí

**Corpo, pessoa, experiências:
diálogos entre antropologia e psicanálise**



*Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa
Mônica da Silva Araujo
Potyguara Alencar dos Santos
(Orgs.)*

*Maria Lúcia Medeiros de Noronha Pessoa
Mônica da Silva Araujo
Potyguara Alencar dos Santos
(Organizadores)*



REVISTA
ENTRERIOS

Programa de Pós-Graduação em
Antropologia da Universidade
Federal do Piauí

EntreRios - Revista do PPGANT - UFPI
n.2

Temática: Corpo, pessoa, experiência:
diálogos entre antropologia e psicanálise

ISSN: 2595-3753
Teresina, 2019



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ - UFPI
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS - CCHL
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DCIES



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA - PPGANT
Campos Universitário Ministro Petrônio Portela, Bairro Ininga, Teresina, Piauí,
CEP 64049-550 - Tel.: (86) 3237-2152

Reitor

Prof. Dr. José Arimatéia Dantas Lopes

Vice-Reitora

Prof^a Dr^a Nadir do Nascimento Nogueira

Comissão Editorial (PPGANT - UFPI)

Alejandro Raul Gonzalez Labale

Andrea Lourdes Monteiro Scabello

Carmen Lúcia Silva Lima

Celso de Brito

Jóina Freitas Borges

Márcia Leila de Castro Pereira

Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa

Mônica da Silva Araujo

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Conselho Editorial

Andréa Luisa Zhouri Laschefski - Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

Alejandro Frigerio - Universidad Católica Argentina / CONICET

Christen Anne Smith - University of Texas at Austin (UT Austin)

Daniel Granada - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Gabriel Maria Sala - Università Degli Studi di Verona

Joana Bahia - Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UFRJ)

Laura Selene Mateos Cortez - Universidad Veracruzana - Xalapa – México (UV)

Leila Sollberger Jeolás - Universidade Estadual de Londrina (UEL)

Lorenzo Macagno - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Luis Roberto Cardoso de Oliveira - Universidade de Brasília (UNB)

Rosa Elisabeth Acevedo Marin - Universidade Federal do Pará (UFPA)

Editores Chefes

Carmen Lúcia Silva Lima

Raimundo Nonato Ferreira do Nascimento

Revisão

Os autores

Capa

Prof. Dr. Antônio Quaresma

Diagramação

Antonio Andreson de Oliveira Silva

EntreRios – Revista do PPGANT -UFPI
Ano.1 • n.2 • Temática: Corpo, pessoa, experiência:
diálogos entre antropologia e psicanálise

Sumário

Apresentação

Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa/ Mônica da Silva Araujo..... 5

O corpo disputado

Gabriel Maria Sala..... 7

O corpo e violência na psicanálise

Ondina Machado 20

Performance musical nos maracatus (PE) e nos bumba bois (MA): classificações de gênero, poder, artefatos e habilidades

Lady Selma Ferreira Albernaz 29

Corpos em movimentos: formas diversas de protestar e denunciar violências contra jovens no México

Lila Cristina Xavier Luz 51

Entrevista

Antropologia, Psicanálise e reflexões sobre o campo antropológico na contemporaneidade

Entrevista com Luiz Fernando Dias Duarte

Maria Lídia Medeiros de Noronha Pessoa/ Mônica da Silva Araujo/ Lilian Leite Chaves/
Potyguara Alencar dos Santos..... 64

Resenha

LA CADENA, Marisol de; BLASER, Mario. A world of many worlds. Durham e London: Duke University Press, 2018.

Potyguara Alencar dos Santos..... 70

APRESENTAÇÃO

Neste segundo número, a Revista *EntreRios* reafirma a sua ambição em conceder espaço para a divulgação de reflexões e contribuições significativas para o desenvolvimento do pensamento e do fazer antropológicos, seja pela apresentação dos resultados de pesquisas recentes, seja pelo balanço e reencontro reflexivo a certos debates que foram ganhando peso e relevância dentro do nosso campo disciplinar específico, desta vez sublinhando a fecunda aproximação com o campo da Psicanálise e os desdobramentos desde o corpo, os afetos e as subjetividades. Neste sentido, nos artigos que compõem o número, resta notório o peso da interdisciplinaridade nas abordagens propostas, evidenciado como o vigor para nos defrontarmos com certos desafios e problemas da contemporaneidade encontra-se na passagem das fronteiras de diferentes campos, disciplinas, ontologias, epistemologias e modos de ser.

Em consonância com essa proposta, Gabriel Maria Sala destaca em seu artigo “O corpo disputado” até onde pode ir o trabalho de um terapeuta numa intervenção de Mediação Etnoclínica realizado com uma menina ghanense de 9 anos de idade que apresentou, segundo os professores e psicólogos de uma escola infantil italiana, “uma repentina depressão”. Nas “supervisões” realizadas na escola reúnem-se com o terapeuta, professores, psicólogos, três mediadoras linguístico-culturais ghanenses *asante* (*ashanti* na grafia inglesa) que falam *twi*, uma *fanti*, e um mediador linguístico cultural também ele ghanense do grupo étnico *ewe*. A antropologia de Gana é repassada por eles no necessário e fundamental trabalho da “tradução” da organização social, das estruturas de parentesco, dos conflitos étnicos e de linhagens, como também religiosos em Gana. Depois de algum tempo, Emily no seu silêncio, fala que sonha com a avó. Neste momento, abre-se o caminho para o trabalho dos mediadores na tradução do sentido do sonhar. Sonhar com a avó, uma “curandeira, *ayaresafoo*” é interpretado na etnia *Asante* como um sinal de chamado da avó para que a neta siga os poderes de linhagem matrilineares, esses tão enfraquecidos pela colonização. Em Itália, a conversão do pai ao pentecostalismo, faz aclarar o que está em jogo nessa família, um conflito religioso entre “deuses africanos” e o “deus cristão pentecostal ocidental”, que de alguma forma ligou-se a Emily, definido por Gabriel Sala como as “disputas no teatro do corpo de Emily”. Enfim, a pergunta colocada pelo artigo é se podemos tratar Emily como nossas concepções etiológicas e psicoterapêuticas? O texto ainda nos diz algo sobre a prática de Mediação Etnoclínica na sociedade europeia, interpelando o leitor sobre sua importância nos discursos entre culturas, especificamente, sobre sonhos, deuses e corpos.

No segundo artigo, a violência sofrida pelas mulheres na sociedade contemporânea impeliu a psicanalista Ondina Machado a escrever o trabalho *O Corpo e violência na psicanálise*, que situa a violência como um fenômeno do século XXI, para além da agressividade de todo ser humano que pode dirigir-se a si mesmo como também ao outro, como bem demonstrou Sigmund Freud nas suas análises sobre o eu e o supereu. Quanto à violência, seleciona em Lacan duas formas paradigmáticas. Uma forma seria característica das sociedades de consumo, em que a desordem simbólica prevalece sobre as relações e alianças sociais. Outra forma, mais brutal, seria a violência praticada sem nenhum propósito, sem nenhuma utilidade, mas pelo ato em si; movimento que a ser nomeado por Jacques Allan-Miller como “crime de gozo”.

O fecho do artigo surpreende ao abordar a violência sofrida pelas mulheres como um crime de gozo em que o ato violento cometido pelo agressor se localiza no insuportável em lidar que a mulher goze de maneira diversa da sua. A autora precisa, ainda, que o ato criminoso violento contra as mulheres se assemelha aos atos de racismo que acontecem na medida da insuportabilidade da alteridade do gozo do outro.

No artigo intitulado *Performance musical nos maracatus (PE) e nos bumba bois (MA): classificações de gênero, poder, artefatos e habilidades*, a antropóloga Lady Selma Ferreira Albernaz aborda a dinâmica de organização dos grupos estudados e a constituição de suas hierarquias, marcadas por questões de gênero e distribuição diferenciada de papéis e funções. Por meio de uma descrição cuidadosa, a autora demonstra como a lógica divisória entre o masculino e o feminino – assentada no discurso da tradição e da sua locução com o universo religioso – incide sobre a performance musical, e sobre o acesso aos artefatos e desenvolvimento de habilidades específicas. Como exemplo dessa lógica, temos a associação entre força e virilidade na execução da alfaia, tida como o centro da potência musical no maracatu (instrumento masculino); e, por outro lado, entre graciosidade e leveza nos usos musicais do abê (instrumento feminino).

No último artigo intitulado *Corpos em movimentos: formas diversas de protestar e denunciar violências contra jovens no México*, Lila Cristina Xavier Luz, tomando como cenário um evento ocorrido no Circo Volador da cidade do México, analisa de que maneira a dinâmica de aglutinamento e aliança entre corpos juvenis constrói sentidos e posicionamentos políticos acerca do desaparecimento forçado dos 43 estudantes da Escola Normal Ayotzinapa, ocorrido no ano anterior, em setembro de 2014. A observação participante explícita, sobretudo, a potência criativa do espetáculo de dança contemporânea que performatiza ao mesmo tempo a celebração em forma de festa e a denúncia. O ato político tornado possível a partir do envolvimento expressivo dos corpos toma o desaparecimento dos 43 estudantes como emblema, mas, o ultrapassa por fim, convocando a sociedade a refletir sobre a violência cotidiana contra a juventude.

O presente número conta, ainda, com a entrevista gentilmente concedida pelo brilhante antropólogo Luiz Fernando Dias Duarte (Museu Nacional/UFRJ). Dividida em três blocos temáticos, o diálogo proposto pela EntreRios procurou alcançar desde questões relacionadas à trajetória intelectual do pesquisador – com destaque para as conexões entre a sua produção e o campo da psicanálise – até as indagações sobre o lugar da antropologia no atual cenário político e social, juntamente com os novos desafios para se fazer ciência no Brasil.

Potyguara Alencar dos Santos (PPGANT/UFPI) apresenta a resenha do livro *A world of many worlds*, coletânea organizada por Marisol de La Cadena e Mario Blaser. Trata-se de um conjunto de contribuições que se centram no debate em torno da ideia de uma “Ontologia Política” que, tomando como base a noção de “pluriverso”, procura entender a produção antropológica pelo seu potencial de fazer reconhecer e conectar mundos diversos.

Por fim, agradecemos ao fotógrafo e professor da UFPI Antônio Quaresma pela delicadeza em ceder a fotografia da capa que se encontra no livro *Tempos* (Teresina: Sobral Gráfica e Editora, 2017, p. 43). Trata-se verdadeiramente da visão do simbólico do corpo na conjunção com o tempo.

Desejamos a todas e todos uma proveitosa leitura!